

Interculturalidade

Estilos de Vida Saudáveis

Actividade Física

Atitudes no Sentar

Actividade Lúdica

Actividades na Natureza

Acampamento

Folclore

Convergências e Divergências Identitárias do Professor

O Folclore na Beira Baixa

A canção popular. Lendas, costumes e tradições. Os instrumentos musicais e o traje.

Luísa dos Santos Reis *

Rui Jorge Drogas Relvas Xavier**

RESUMO

Após a pesquisa a alguns documentos relativos à etnografia Beirã pretende-se dar a conhecer aquilo que será uma amostra de alguns objectos de estudo do folclore desta região. São abordadas algumas canções populares (jogos de roda, modas, descantes, canções religiosas, etc.), lendas, costumes, tradições, assim como instrumentos musicais tradicionais e trajes populares desta região.

Este estudo é complementado com a abordagem a um dos mais recentes grupos folclóricos do distrito de Castelo Branco, o Grupo Danças e Cantares da Beira Baixa.

1. Introdução

Por razões sócio-culturais, o folclore é considerado como parte integrante da vida do país. De acordo com as vontades do povo, o folclore traduz os seus hábitos, costumes e tradições. Assim, este trabalho realizado no âmbito do Seminário de Educação Física, pretende dar um contributo à divulgação do folclore da Beira Baixa de forma a que este não caia no esquecimento.

2. Breve historial do folclore

William John Thoms foi um dos primeiros arqueólogos e historiador a debruçar-se sobre a questão das tradições espirituais, artísticas e religiosas, usos e costumes populares, expressões orais e artísticas, etc., enfim toda uma série de dados ou documentos não palpáveis que caracterizam fortemente a cultura e personalidade de um povo, nação ou de uma só região.

A maioria dos arqueólogos desta época (Séc XIX) atribuía uma maior importância histórica e científica, aos documentos escritos e/ou materiais (moedas, cerâmicas, ferramentas, pedras, etc.) do que aos usos, costumes, tradições, expressões orais e artísticas de um povo. O estudo destas "actividades" era denominado pelos Ingleses

como o estudo das antiguidades populares (popular antiquities)

Quanto à origem da palavra Folclore, sabe-se que foi pela primeira vez utilizada pelo já mencionado arqueólogo inglês, William John Thoms querendo referir-se às respectivas antiguidades populares.

Decompondo a palavra na sua forma de origem (folklore), obtemos as duas seguintes palavras de origem saxónica: folk (povo) e lore (tradição). Desta forma e "a grosso modo" poderíamos definir folclore como a versão portuguesa da palavra inglesa folklore que significa, traduzindo à letra, "tradições do povo".

Após ter sido publicado um artigo na revista Britânica Athenaeum, em que William J. Thoms sob o pseudónimo de Ambrose Merton-ter, ter utilizado a palavra folklore num artigo sobre as antiguidades populares, esta passou a ser definida na Enciclopédia Britânica como "nome genérico usado para referir aquelas crenças tradicionais, superstições, maneiras, usos e costumes do povo que persistiram desde os mais recuados tempos até aos nossos dias e os quais, fragmentariamente, modificados ou em formas comparativamente imutáveis têm continuado a existir".

3. Origens da canção popular

No que respeita à origem da canção popular, não se conhece ao certo. Segundo

* PROFESSORA ADJUNTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTÍSTICA DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE CASTELO BRANCO
** ALUNO FINALISTA DO CURSO DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO, VARIANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE CASTELO BRANCO

alguns autores, a música é criada pelo povo que a canta, outros porém vão contra esta ideia fazendo crer que as músicas fazem parte de uma herança proveniente dos antepassados. Contudo, a teoria em que se verifica um maior acordo de ideias quanto a esta origem, prende-se por um equilíbrio entre estas duas ideias apresentadas.

O povo apropria-se de músicas que gosta, modificando-as segundo o seu parecer, a sua realidade social, hábitos e costumes.

"Os esquemas rítmicos tiveram origem erudita, as linhas melódicas é que foram achadas, pelo povo". Ribeiro, Mário de Sampaio (s/d) in *"Do justo valor da canção popular"*, Revista da Faculdade de Letras, Tomo II, nº2, pág. 314.

"O povo tira das antigas melodias, melodias novas, aproveitando-lhes só um fragmento a que o ritmo não é indiferente" Lopes, Edmundo Arménio Correia (s/d) in *"Cancioneirinho de Foscoa"*, pag. 22

"Os cantares do povo transmitem-se, deslocam-se e transformam-se. A alma do povo, se sabe sentir, sabe também assimilar como nenhuma outra" Dias, Jaime Lopes (1971) in *"Etnografia da Beira"*, vol. IV, pág. 25

Como exemplo destas transformações/modificações efectuadas pelo povo a algumas músicas, são referidos alguns exemplos patentes na região da Beira Baixa:

- O tema "Farrapeira" é "Chula" em Escalos de Baixo; "Carolina" de Aldeia Nova do Cabo é "Namoro bem" em Escalos de Baixo; "Martineira" em Idanha-a-Nova é "Morena" em Escalos de Baixo; "Pastorinha" em Aldeia Nova do Cabo, é "Marinheiro" em Idanha-a-Nova. A letra de "Cachené" difere de Aldeia Nova do Cabo para Idanha-a-Nova, etc.

Assim, fica claro que o povo realmente adapta, modifica e transforma algumas músicas de acordo com as suas vontades e com os hábitos e costumes da sua terra, fazendo-o muitas vezes através da modificação dos títulos, nomes e letras das canções.

Contudo muitas outras permanecem imutáveis.

4. Os temas da canção popular na Beira Baixa

Os temas da canção popular da Beira Baixa, são essencialmente de cariz amoroso e religioso, características estas partilhadas, em termos gerais, pela canção popular portuguesa.

No entanto, existem canções que se prendem com os mais variados temas, desde

os relacionados com o trabalho, a moral do povo, o lazer, a pátria, etc. Contudo, mesmo as canções referentes a esses outros temas, têm patente o amor.

Como exemplo da enorme variedade de temas que inspiram as canções do povo, apresentam-se de seguida alguns versos soltos que, fazendo parte de canções do cancioneiro nacional, são cantadas pelas gentes da Região da Beira Baixa.

(Os seguintes excertos foram retirados da obra de Jaime Lopes Dias - *Etnografia da Beira*, volume IV)

- Relativamente à Pátria e invocando São Sebastião, o povo faz o seguinte suplicio, cantando:

Mártir São Sebastião,
Meu santo Guerrilheiro,
Já que tendes virtude,
Defendei Portugal primeiro.
(pág.30)

- Numa crítica à pátria vizinha (Espanha) e tendo em conta a fama deste povo, canta-se:

Se os Espanhóis fossem humildes,
Como são os Portugueses,
Não andava a guerra em Espanha,
Como anda tantas vezes.
(*"Espanhola"*, pág. 67)

- Algo que é extremamente visível nas letras de muitas destas canções populares é a diferenciação que se faz entre as raparigas de pele clara e as de pele escura ou, nas palavras do povo, "trigueiras".

Assim, numa tentativa de menosprezar a beleza física das mulheres de pele "branca" (símbolo de grande beleza e vaidade) e dar mais valor as mulheres de pele "trigueira" (símbolo de simplicidade e humildade) o povo canta:

Trigueirinha engraçada (bis)
Pela rua pode andar. (bis)
A branca desconsolada,
Em casa se deixe estar. (bis)
(*"Trigueirinha engraçada"*, pág.59)

Morena não tenhas pressa,
Que a branca te venha ver,
As morenas engraçadas,
Deitam olhos a perder.
(*"Oh! Militar, Militar!"*, pág.63)

Meu amor, se tu fores
Ao tribunal das formosas,
Agarra-te às trigueirinhas,
Que as brancas são enganosas.
(*"Cravo Roxo"*, pág.87)

- As mudanças de atitudes das algumas pessoas em relação as suas ideias, são apontadas pelo povo da seguinte forma:

Raparigas da Idanha,
Já não sou monárquico, sou republicano.
Precisam todas um tiro. (bis)
Com uma espingarda de beijos,
Já não sou monárquico, sou republicano.
Carregada de suspiros. (bis)
("Sou republicano", pág.71)

- A vida popular desta época passada à qual se referem as canções populares, é bastante elucidada nas letras das algumas canções.

Desde a "preguiça" pelo trabalho, maus casamentos, etc. a hábitos e costumes referentes à boa moral do povo, são criticados e mencionados em diferentes canções:

Oh! José, José!
Que vida é a tua:
Comer e beber,
Passear a rua

Olha a coradinha!
Roxo cachene,
Vivo arrelhada
Em me ver sozinha...
("Cachene", pág. 77)

Murtinheira mal casada,
Que fazes ao teu marido?
Quando vem a minha casa,
Chora que nem um perdido.
("Murtinheira", pág. 93)

-Outro aspecto interessante é a referência usual que o povo faz às "profissões" e trabalhos que caracterizam toda uma época em que a população era pobre e vivia essencialmente do trabalho do campo e doméstico.

*Lavadeira, que lavas roupa,
Que lavas roupa, que a lavas bem...
Como hei-de lavar a roupa,
Se o sabão não chega bem?
("Lavadeira", pág.85)*

Pastorinha lá da serra,
Porque deixas o pastor?
Para que vais tão longe
Em busca de outro amor?
("Pastorinha", pág.109)

Sachadeiras que sachais
O milho de meu sogro,
Deus faça o dia grande
Que sacheis o milho todo.
("Retaxeira", pág.127)

- Alguns ditados populares e crenças da época são também muitas vezes expostos nas letras das canções:

Cravo roxo à janela
É sinal de casamento.
Menina recolha o cravo,
Que seu casar inda tem tempo.
("Cravo Roxo", pág.87)

- Nalgumas das letras pode-se também verificar temas de paródia que se baseiam em pequenas "provocações" salustres entre homens e mulheres:

A cobra vai pela relva,
Julga que ninguém a vê.
Todos os homens são falsos, (1)
Também falo por você.

(1) "Todas as mulheres são falsas", cantam os homens

("Laranja da China", pág.95)

- Numa referência ao melhoramento da civilização e tendo em conta o atraso das povoações, é interessante o excerto apresentado em baixo em que é atribuído o mesmo sentido ao fio eléctrico e ao correio.

Já trabalha o fio eléctrico
De Castelo Branco pr'a Guarda;
Escrevi ao meu amor,
A resposta já me tarda.
("Carinhosa", pág.123")

- Nos temas de cariz essencialmente religiosos encontra-se uma enorme variedade de abordagens a diversos santos, assim como preces a Deus.

Devido á enorme variedade de canções relacionadas com este tema, apresentam-se aqui apenas uma pequena amostra de versos.

Ai! Viva o nosso, Ai! Viva o nosso,
Ai! Viva o nosso Santo Amaro,
Que está em frente de Santa Rita.
Para as casadas boa paz,
Para as solteiras boa fita.
("Santo Amaro", pág.137)

São João e mais São Pedro
São dois santos mudadores;
Ai, são dois santos mudadores;
São Pedro muda os criados
São João os moradores.
("São João", pág.139")

Senhora Santa Luzia,
Mandai água, que não chove,
Secaram as searas todas,
Fica toda a gente pobre.
("Santa Luzia", pág.143)

5. Lendas, costumes e tradições de maior relevo na Beira Baixa

Algumas lendas originam costumes, danças e cantares que até aos nossos dias se mantêm.

Serão explicados alguns acontecimentos, assim como a maneira que o povo encontrou para os comemorar e imortalizar.

É dada especial atenção também às letras cantadas, pois estas explicitam grandemente o viver da população e as suas ideias.

5.1- Nossa Senhora da Póvoa (12Km Penamacor)

Segundo o relato dos mais antigos, andavam dois pastorinhos a pastorear os seus rebanhos nos Brejos, sopé da Serra d'Opa (1500 metros da freguesia de Vale de Lobo), quando os cães que lhes serviam de protecção e auxílio arremeteram subitamente contra um silvado que vicejava junto a uma fonte (actualmente destruída pelo tempo).

Perante a agitação dos seus fiéis animais, os pastorinhos ávidos de conhecer a causa daquele chamamento dirigiram-se ao local. Ficaram estupefactos perante o que viram. Entre as agrestes silvas, brilhava uma pequenina imagem da Virgem Santíssima, encimada por uma auréola resplandecente.

Encantados com o fenómeno desta aparição, correram à povoação a relatar o sucedido. Então, o povo organizou uma procissão e conduziu solenemente a radiante imagem para a igreja da freguesia.

Porem, algo inesperado voltou a acontecer, a figura da Virgem Imaculada desapareceu da igreja para, pouco tempo depois, reaparecer no silvado onde havia sido encontrada como querendo eternizar o aprazível lugar.

O povo, perante a vontade insuperável da Virgem Maria, resolveu construir-lhe uma pequena ermida no local do seu aparecimento.

Nos fins do século XVIII e graças às esmolas que a Senhora recebia, edificou-se a capela da Senhora da Póvoa onde ainda hoje se venera a milagrosa Virgem Imaculada.

A festividade realizou-se enquanto foi permitido, no domingo, segunda e terça-feira do Espírito Santo (Pentecostes), sendo uma das mais importantes de Portugal e indiscutivelmente a mais curiosa e característica da Beira Baixa.

Em homenagem à Santa, o povo canta assim:

Nossa Senhora da Povoá, (bis)
Descei ao Vosso arraial; (bis)
Romaria como a Vossa (bis)
Não há em Portugal. (bis)

Nossa Senhora da Povoá,
Onde ficais situada;
Num desvão da Serra de Opa,
Numa casa caleada.

...
("Senhora da Povoá" *Etnografia da Beira Vol. II, pag. 147*)

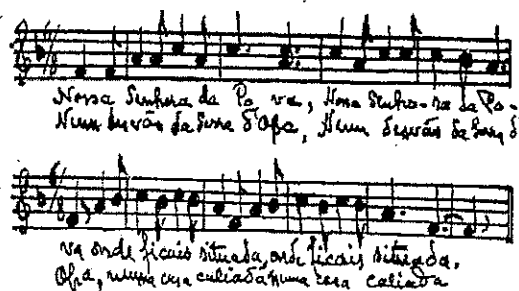


Fig.1 - Música tirada para piano e canto da última quadra descrita. (*Etnografia da Beira Vol. I, pág. 21*)

5.2- Senhora dos Altos Céus

A festa da Senhora dos Altos Céus da Lousa realça-se de entre as festas e romarias que se realizam na Beira Baixa, pela sua originalidade e costumes próprios.

Em diversas épocas do ano, os povos dos arredores acorriam ao seu santuário invocando a Virgem Santíssima.

Conta a lenda que no ano de 1640, os campos das redondezas foram invadidos por uma terrível praga de gafanhotos. O povo perante os Santos que adorava na sua igreja, resolveu invocar de entre Eles, a Senhora dos Altos Céus visto ser Ela a Santa da sua maior devoção. Assim, prometeram, em voto perpétuo, consagrar-lhe anualmente uma grande festa que se realizaria no terceiro domingo de Maio.

Confiantes que a Senhora os atenderia nas suas súplicas e a praga desapareceria, logo no próprio dia da promessa, cantaram, dançaram e "balharam".

Perante esta situação, um homem já velho e sisudo ao passar pelo local da dança, estranhou tão prematura alegria e manifestando o seu descontentamento disse: "balhai, balhai que também os gafanhotos balham nas vossas searas!". Irado, aborrecido e triste com o que considerava ser uma descabida satisfação dos seus conterrâneos, saiu da povoação e foi para o campo.

Perante o seu enorme espanto, constatou que os terríveis insectos tinham desaparecido. Voltou imediatamente à

povoação a contar o sucedido e a incitar todos os seus patrícios a dançar em louvor da Senhora dos Altos Céus. Ele próprio juntou-se à população "balhando" e dançando.

Os balhos continuaram entre na maior alegria e nos anos seguintes as festas passaram a durar três dias. O entusiasmo dos Lousenses pela adoração à Senhora dos Altos Céus, ainda hoje é notório. "Não há casa que naqueles dias não faça os seus busquêtes e doces, que não abata a sua rês ou não vá ao talho, e não cozinhe o célebre prato de arroz de tripas para o almoço de domingo." Dias, Jaime Lopes (1944) in *Etnografia da Beira*, vol. I pág.77.

Actualmente a população da Lousa encarrega uma comissão para a organização da festa sendo esta composta por um juiz (retirado por ordem de inscrição de uma lista composta pelas pessoas mais influentes da população), um tesoureiro e um escrivão (de escolha anual).

Dos festejos, fazem parte a procissão com bandeiras, imagens e guiões expostas pelos que fizeram promessas de as conduzirem. Pela noite, realizam-se danças e descartes. É costume ainda, na segunda feira pelo meio-dia a exibição de danças tradicionais (dança da genébres, das donzelas, das tesouras e os cantos em chacota).

Entre outras quadras, o povo canta:

Senhora dos Altos Céus,
Não Vos peço outra coisa:
Só a vossa protecção
Pra todo o povo da Lousa.



Fig.2 - Musica tirada para piano e canto da última quadra descrita. (*Etnografia da Beira Vol I, pág. 76.*)

5.2.1- As Danças da Lousa

Estas são as danças realizadas em honra da Senhora dos Altos Céus. São danças muito peculiares e carregadas de significado e tradição.

Destas fazem parte as danças da genébres, das tesouras, das donzelas.

5.2.1.1- Dança da genébres

Esta dança é realizada por 10 homens.

Seis dos elementos, vestem calças e casacos brancos, gravata, banda de seda encarnada à cintura, usam várias fitas penduradas dos ombros também estas em seda. Na cabeça, usam um capacete de forma cónica ou capela, enfeitada com fitas de seda e em cima encontra-se um penacho de flores artificiais e penas brancas.

Três dos restantes elementos, os mais novos de idade, vestem-se de mulher usando saia e casaco branco. Usam uma rede preta de malha miúda e flores à cabeça com uma trunfa de cabelo na nuca (pupa) e adornados com objectos de ouro e colares ao pescoço.

O outro elemento será o mestre ensaiador ou guardião que veste de soldado, com uma espada à cintura.

A genébres é tocada por um dos seis primeiros elementos e os outros cinco tocam as bandurras. Os que vestem de mulher tocam pandeiros e à ordem do guardião todos os elementos formam em linhas de três, ficando estes no centro.

Desta forma tem início a dança ao som da genébres acompanhada pelos pandeiros e bandurras.

Em seguida, todos os tocadores batem com os pés, acompanhando os sons da genébres, dos pandeiros e das bandurras. Dão voltas e meias voltas, deslocam-se uma vez os homens outras as mulheres, sempre em compassos certos de dança e contradança.

Andam também em roda, trocando de lugares até que, ao encontrarem-se as "mulheres" em frente aos homens, o da genébres simula o arrastar da asa do galo à galinha e, saltitando ao ritmo da música, vai roubar a dama a um dos companheiros ou, no caso de alguma rapariga estranha à dança se aproximar, esta será também incluída no "arrastar da asa pelo galo".

O guardião ou mestre ensaiador, coloca-se em frente ao grupo e ao som do último compasso desembainha a sua espada. Neste momento, os tocadores suspendem a música, retomam os seus lugares iniciais e a dança é dada por terminada, após todos fazerem uma vénia.

5.2.1.2- Dança das tesouras

Esta dança é realizada por um grupo de oito, dez ou doze homens, alguns rapazes de dez a quinze anos e um homem de idade mais avançada (normalmente um velho jovial e folgazão da população).

Os homens vestem de cotim, usando um lenço branco em volta da cabeça e munidos de uma tenaz que simula uma tesoura. O velho veste de igual modo. Quanto aos

rapazes apresentam casacos vestidos das avessas simulando serem carneiros.

Para o início da dança, os homens formam duas fileira, frente a frente e os rapazes (carneiros) colocam-se no centro, ficando entre eles.

Enquanto simulam a tosquia, os homens batem com as tenazes e cantam versos apregoando à Senhora dos Altos Céus:

...
Senhora dos Altos Céus
Que estais nessas alturas,
Virai para cá o rosto,
Não nos deixeis às escuras

...
Posto isto, os rapazes respondem em coro:
Meeé!

...
Os rapazes enquanto dançam e balem, vão passando por entre as filas dos "tosquiadores" acorados, debruçados ou dando pequenos saltos imitando carneiros. Em volta do grupo, o velho "dono do rebanho" vai dizendo graças parodiando:

- Não estou satisfeito com a tosquia.
- Já estou farto de dar pó moreno (para tratar as tesouradas que atingem o coro cabeludo dos animais)
- Vamos lá ver se essas ferramentas estão bem afiadas.

No decorrer da acção, o velho estende um pau por entre as filas dos homens e passa pelo meio, aos saltinhos, acompanhando o coro destes, que lhe vão aplicando "tesouradas" nos membros e nas orelhas enquanto ele passa por eles.

Continuando, o velho vai barafustando com os tosquiadores por estes não terem as tesouras afiadas e diz:

- Assim não me convém.
- Vamos lá a aguçar essas tesouras

Ao que os tosquiadores respondem, simulando aguçar as tenazes no pau que o velho carrega e lhes estende.

A dança termina com o velho a dizer:

- Vão para o diabo que os carregue. Não estou para vos aturar!

(*Etnografia da Beira, Vol. I pág. 109*)

5.3- Alvissaras

Pela altura da Quaresma, grupos de raparigas (e por vezes também rapazes) cantam versos alusivos à Ressurreição em frente à porta da Igreja, de capelas ou do pároco. Tal acto é denominado pelo povo por cantar ou dar as Alvissaras.

Tanto o dia como o local onde são dadas Alvissaras, varia um pouco de localidade para localidade. Contudo, estas realizam-se

sempre Sábado de Aleluia ou Domingo da Ressurreição.

Segundo a tradição, após receber as alvissaras o pároco distribui pelos grupos amêndoas, passas ou tremoços.

Em Escalos de Baixo, cantam-se as alvissaras durante toda a noite de Sábado de Aleluia, à porta da Igreja matriz, das capelas e da residência do Vigário. Este, em sinal de agradecimento distribui tremoços e amêndoas pelo grupo.

Em Louriçal do Campo, as Alvissaras são cantadas por grupos de rapazes e raparigas, que acompanham a música com adufes. São cantadas no Sábado de Aleluia em frente à porta do pároco e na noite de Domingo à porta das casas das principais famílias. Em recompensa recebem amêndoas, passas, tremoços, vinho, etc.

Tanto a música como a letra, apresentam diferenças de localidade para localidade, como poderemos constatar nos exertos seguintes retirados da Etnografia da Beira, vol. I.

(Idanha-a-Nova)

Já os campos florescem,
E o rosmaninho tem flor,
Já os passarinhos cantam
A Ressurreição do Senhor.
(pág. 146)

(Alpedrinha)

Acorde, Senhor Vigário,
Ponha o pé na escadinha,
Venha a dar as boas festas
Ao ranchinho d'Alpedrinha.
(pág. 148)

(Vila de Lobo)

Já os passarinhos cantam
Na amoreirinha do aidro,
Vêm cantar as alvissaras
A' Senhora do Rosário.
(pág. 149)

5.4- Encomendação das Almas

Em várias localidades da Beira Baixa, grupos de mulheres, nos sítios mais elevados das povoações ou no campanário da Igreja, cantam o que chamam de Encomendação das Almas. Estes cantos, são entoados de uma forma muito melancólica e os versos variam de localidade para localidade.

Em Idanha-a-Nova e Vale de Lobo o povo canta assim:

As almas do Purgatório
Já gritam em altas vozes
Co'as mãos postas ao céu:
Irmãos, lembrais-vos de nós.

...
Quando derdes a esmola,
Vede bem como a dais;
Tendes no outro mundo
Vossas mães e vossos pais.

...
Lá em cima ao Calvário
Está um craveiro à cruz,
A água com que o regam
É o sangue de Jesus.

...
(*Etnografia da Beira, Vol. I pág. 152*)

6. Instrumentos musicais tradicionais da Beira Baixa.

6.1- O Adufe



Fig.3 - Adufe

Este instrumento é caracterizado pelo seu uso em ocasiões festivas. A sua origem e essência caracterizam-no como um instrumento profano, pelo facto de inicialmente estar ligado à música profana.

Contudo, o adufe beirão é ouvido em muitas solenidades religiosas, acompanhando cantares como as "Alvissaras" e outros que se cantam no Natal, pela Páscoa e também nas grandes romarias como a da "Senhora da Póvoa".

Por outro lado, é antiga a "proibição" de tocar o adufe na Igreja.

O adufe é um instrumento de grande cariz na Beira Baixa, encontrando-se um pouco por toda a parte na região de Castelo Branco, podendo ser visto em lugares de destaque nas salas ou corredores das casas beirãs.

Quanto ao som, podemos caracterizar o adufe como um instrumento de percussão, atonal que não afecta as tonalidades das melodias que acompanha conservando ritmos complexos e expressivos.

O adufe deve ser tocado através da subtil combinação das duas mãos, com os dedos muito soltos. A mão esquerda sustenta-o e a direita executa os batimentos. É tocado essencialmente por mulheres.

Mas, não é só nas festas e solenidades meio religiosas, meio pagãs, que o adufe é

utilizado. Muitas vezes, aparece em simples entretenimentos de rua ou acompanhando trabalhos e canções rurais como nas ceifas, nas esfolhadas do milho e no regresso da colheita da azeitona.

6.2- Bombos de Zés-Pereiras



Fig.4 - Bombo de Zé-Pereira

Estes bombos são de grandes dimensões e têm influências de zonas mais litorais, encontrando-se sobretudo na zona do Fundão.

Na Beira a pele preferida é a de cavalo, pois a pele de cabra mais vulgar, rompe-se facilmente. No Fundão era utilizada sempre que possível, as peles de burro no seu fabrico. Algo que caracteriza a manufactura deste instrumento é a presença de pêlos mal rapados que geralmente ficam à vista.

Aquando da construção do bombo, são colocados os arrochos que são elaborados em pele, cabedal ou simples corda, sendo os de pele os mais apreciados.

Os enormes bombos transportam-se a tiracolo. Vão quase verticalmente, apoiados sobre o joelho direito do tocador, que o levanta a cada passo que dá, para que desta forma vá aliviando o peso.

Os bastões que se usam para bater as peles, são de cabeça larga almofadada de cortiça ou algodão. Contudo, poderão ser de madeira em prolongamento do cabo (masseta).

Poderá ser utilizada uma masseta (ou bastão) ou duas conforme a situação. No caso de se usarem duas, estas apresentam tamanhos e funções diferentes. A mais grossa, é usada na mão direita para a "batedeira" e a mais fina na mão esquerda para a "bordoeira".

6.3- Acordeões e concertinas

Estes instrumentos estão relacionados com a música ligeira fugindo um pouco mais ao tom arcaico e austero da música regional característica.

É com estes instrumentos que se animam festas de menor importância.

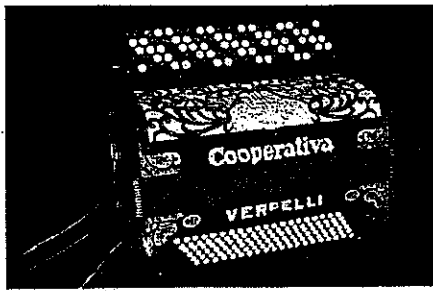


Fig.5 -
Acordeão

Nas romarias, é habitual a presença de acordeões e concertinas acompanhando os ranchos das aldeias, nas danças e cantares de carácter profano, sendo estes instrumentos também associados aos coros que cantam as "alvíssaras".

Actualmente os acordeões e concertinas predominam grandemente nos grupos folclóricos, tendo surgido em substituição de outros instrumentos como a viola, mas principalmente, em substituição do tradicional e já quase extinto harmónio ou realejo, conhecido pelo povo como "gaita de beijos".

6.4- Genébres



Fig.6 - Genébres

A genébres é um instrumento unicamente da região de Castelo Branco, mais propriamente da Lousa. Este, surgiu em função de uma dança de homens conhecida por "Dança da genébres" descrita neste no capítulo referente às danças da Lousa em homenagem à Senhora dos Altos céus.

A genébres é um instrumento usado ao pescoço, como um colar, pendurada por uma correia de couro que liga os paus.

É constituída por uma série de paus cilíndricos, maciços de tamanho crescente de cima para baixo, fazendo lembrar um xilofone.

Para a fazer tocar, o homem que a transporta afasta-a do corpo com a mão esquerda, segurando-a pela correia em baixo e com a mão direita bate com a baqueta correndo todos os paus, de cima para baixo e vice-versa.

6.5- Castanholas

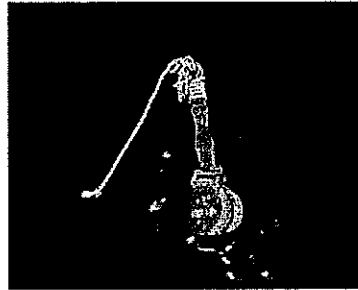


Fig.7 -
Castanholas

São compostas por duas conchas mais ou menos espalmadas e largas com formas globulares, prismáticas, ovais, em forma de sela gótica, entre outras. As conchas estão ligadas uma à outra, frouxamente, por um cordão.

Na Beira Baixa este instrumento é bastante significativo chamando-se vulgarmente por carchanetas ou carchanolas.

São construídas em madeira sendo as preferidas de laranjeira, do limoeiro e sobretudo a do buxo.

São utilizadas em ambas as mãos, sobre a palma ou polegar, presas ao dedo médio, ao anelar ou então aos quatro dedos por uma fita.

São decoradas indicando a sua origem na arte pastoril.

6.6- Bandurra ou viola beiroa



Fig.8 - Bandurra ou
viola beiroa

Trata-se de uma viola popular portuguesa característica do Distrito de Castelo Branco, usada sobretudo na zona arraiana em acompanhamento a descantes festivos e nos parabéns e serenatas aos noivos, nas vésperas e noite da boda.

Este instrumento está praticamente desaparecido. No entanto, pode ser encontrada em certas ocasiões cerimoniais como na "Dança da Genébres".

A bandurra tem o braço idêntico ao das outras violas, com cerca de 80 cm de comprimento. A boca é redonda e pequena,

tendo aproximadamente 6 cm de diâmetro e encontra-se rodeada de frisões circulares lineares.

De entre as restantes violas portuguesas, esta é a que apresenta um aspecto mais rústico denotando uma maior profusão de motivos ornamentais.

O cravelhal apresenta dez cravelhas dorsais, finamente recortadas, sendo em muitos casos feitas à mão por pastores. A cada cravelha corresponde a respectiva corda, num encordoamento de cinco ordens de cordas duplas de arames.

Esta viola beiroa possui ainda um traço bastante peculiar que a torna única em relação às outras violas portuguesas. Para além do já referido cravelhal, existe um outro, situado no fundo do braço, na junção deste com a caixa. Este, é constituído por duas cravelhas também dorsais, a que correspondem mais duas cordas igualmente de arame denominadas por "requintas" sendo estas simples, agudas e curtas.

As requintas não são trilhadas como as restantes cordas, tocam-se sempre soltas, como na harpa.

6.7- Flauta travessa

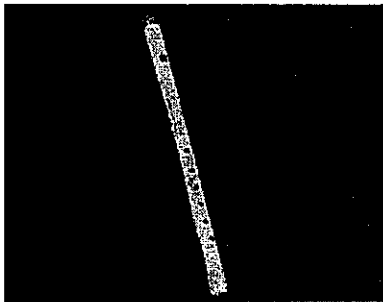


Fig.9 - Flauta travessa

Esta flauta característica da Beira Baixa, é de origem pastoril. Geralmente é utilizada como passatempo individual, sendo por isso tocada sozinha. No entanto, é também utilizada em ocasiões festivas e cerimoniais, como no coro das alvíssaras na Póvoa da Atalaia.

Estas flautas medem cerca de 45 cm de comprimento e são na sua maioria lisas. Podemos encontrar alguns exemplares profundamente decorados. Tem seis furos, além do insuflador, todos na face superior.

É tocada com ambas as mãos, a direita é colocada mais à ponta e pelo lado de dentro, não sendo utilizados os dedos mínimos e polegares, servindo estes últimos para apoiar a flauta.

O lado do bucal apresenta geralmente um diâmetro ligeiramente maior nesse

extremo, onde é colocada uma rolha que permite regular a afinação do instrumento.

A distância que vai do insuflador (bucal) ao primeiro furo deve ser a mesma que vai do primeiro furo ao último.

Esta flauta é geralmente construída em sabugueiro, que não precisa ser furado. Contudo noutras zonas como no Fundão, são feitas em vime, sendo furadas a ferro quente.

Quanto à sonoridade deste instrumento é caracterizado pela sua amplitude natural de uma oitava diatónica. Os bons tocadores com uma técnica mais apurada, conseguem dar mais outra aguda.

6.8- Zamburra ou Sarronca

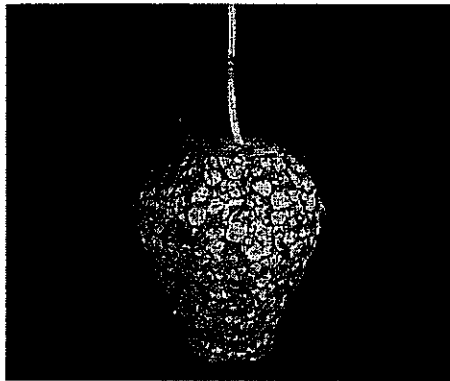


Fig.10 - Zamburra ou Sarronca

É um instrumento muito primitivo que pertence a uma categoria muito peculiar de instrumentos, os membranofones de fricção. Na sua estrutura é composto por uma caixa de ressonância, em que a boca desta é tapada por uma pele esticada, de ovelha, carneiro ou cabra (sendo esta última a preferida) formando esta a membrana de vibração.

A pele é posta em vibração sonora através da sua fricção ou de um elemento fixo por uma ponta (haste), no centro desta membrana, o qual é esfregado com a mão. Este acto produz um ruído grave e profundo, que o bojo da caixa transforma no ronco que caracteriza o som deste instrumento.

A haste fica fixa dentro da caixa através de uma maçaneta que fica dentro da vasilha.

Quanto à madeira utilizada para a haste, pode variar segundo as localidades. Geralmente é utilizado o pau de "gamão" ou abrótega que, arrancado com o princípio da raiz a fazer de maçaneta, toma o nome de sapo em Malpica do Tejo. No entanto no Rosmaninhal optam pela "esteva" ou "chara".

Para tocar a zamburra faz-se fricção com a mão sobre a haste para baixo, ou em ambos os sentidos. A haste é esfregada com cera virgem para tornar a fricção mais áspera.

7- Trajos populares tradicionais da Beira Baixa

O traje popular representa uma abordagem importante ao património cultural, reflectindo aquilo que foram os usos e costumes de um povo. Assim, é importante preservar e defender o que nos fornece, simplesmente através do olhar, uma noção de como vivia a população nestas épocas passadas.

Através das matérias utilizadas no seu fabrico (de origem caseira) e das características próprias de cada traje, podemos constatar que estes contemplam grandemente as actividades rurais.

7.1- O Trajo das mulheres

Uma característica sempre presente no traje das mulheres, é a presença habitual do lenço de lã (seda nos dias festivos) que estas usavam ao pescoço também conhecido por cachené. Este, era dobrado em três pontas e colocado sobre da cabeça, ficando atado por baixo do queixo. Durante a apanha da azeitona ou nas mondas, o lenço era atado da nuca ao queixo, no trabalho nomeadamente nas eiras, o lenço era colocado de forma a tapar a boca e o nariz. As mulheres mais novas, em dias de Gala (domingos ou dias festivos) ou simplesmente em dias quentes, apresentavam-se de cabelo solto, sem lenço.

Quanto ao vestuário propriamente dito, usavam camisas levemente folgadas na gola com mangas até meio dos braços e descidas até aos joelhos. Por cima, o colete ou estopinha era utilizado bem justo ao peito.

Sobre o colete e ajustado ao corpo a denunciar o busto, ficava o chambre, casaquinha ou roupinha (casaco curto), adornado de botões de vidro, louça ou metal e acrescido com um pequeno folho, aba ou debrum em redor da cintura.

A branca anágua, (saia branca com folhos) estabelecia a harmonia entre a cintura e as ancas e por cima os saiotos pregueados eram de cores vivas.

As meias feitas a "duas agulhas" eram de algodão e ficavam suspensas nas pernas por ligas elásticas, de modo a ficarem bem esticadas. As combinações eram bordadas no peito e nas mangas, caindo até aos pés, com uma faixa rendada no rodapé.

Das roupas exteriores faziam parte as saias de cima (levantadas para tapar a cara em caso de luto) sempre rodadas, de sete panos e pregueadas na cintura. Estas, eram de cores lisas e discretas.

Sobre a saia era geralmente usado o avental para os trabalhos domésticos ou para

manifestações de luxo em dias festivos, apresentando bordados neste último caso.

Sobre o vestuário, a cair dos ombros, era utilizado um xaile em lã, merino ou seda. O xaile era franjado, dobrado em três pontas e colocado de forma a cair pelas costas. Nas épocas de frio como na apanha da azeitona, era atado pelas pontas passando por baixo dos braços e pelas costas. Em dias festivos, era dobrado em rectângulo, dando um ar mais senhoril à pessoa que o usava.

Na cabeça era usada a capucha de lã ou a mantilha de pano fino ou seda. Na zona da serra do Moradal, predominava a capucha ou gaboia curta feita de saragoça ou burel, rodada com capuz de bico redondo (Sarzedas) ou bico aguçado (Oleiros) e sem capuz por vezes debruada de veludo (Idanha-a-Nova e Benquerença).

Nas classes sociais superiores era usada a mantilha de pano preto, em lã ou em seda, em lugar do xaile. A parte superior era armada em cartão a fazer bico (nalguma povoações era cortada em bico para as mulheres casadas e redondo para as solteiras) e a envolver a cabeça, quase tapando o rosto e caindo até aos joelhos. O uso da mantilha era obrigatório nos actos solenes da Igreja e nas grandes festas (confissão, missa, funeral, casamento, etc.).

Os sapatos eram de pele de bezerro ou vitela, abotinados ou apertados com correias de cabedal ou cordões de algodão. Utilizavam também chinelas.

Como complemento do vestuário utilizavam ornatos, como arrecadas ou brincos, os quais eram colocados nos primeiros dias de vida após as mães furarem as orelhas às filhas.

O uso de gargantilhas, colares de contas, grilhões com cruz, amuletos, etc. eram autorizados ao romper da puberdade.

Na gola do chambre utilizavam amuletos decorativos ou, após o aparecimento da fotografia, retratos de pessoas da família (marido, pais, irmão, etc.).

7.2- O Trajo dos homens

O traje do homem é mais simples e com menos variações de moda de região para região.

No que respeita à roupa interior, utilizavam apenas camisas de linho ou de pano-cru, com os colarinhos virados ou sem colarinho e ceroulas do mesmo tecido, com atilhos que apertavam nos tornozelos ou com fitas para atarem as peúgas à altura da meia canela. Em períodos de luto, sobrepunham à camisa um peitilho preto.

As meias só eram utilizadas em dias extraordinários como domingos ou datas festivas. Eram feitas pelas mulheres, em lã ou algodão de uma só cor.

Quanto ao vestuário exterior, destaca-se a jaqueta ou véstia, o colete e a calça todo feitos em burel, estamena, serrubeco ou saragoça.

Nos trabalhos de verão, na ceifa, andavam em mangas de camisa e eram utilizados chapéus de palha (sombreiros). Noutros tempos eram utilizados os chapéus de lã, produzidos em Alcains (Chapéus de Alcains) Fundão e Cernache do Bonjardim.

Também era utilizada a garruça ou carapuça, igualmente de lã, de cor preta, com uma borla no cimo (no tempo mais frio).

A proteger o fato durante os trabalhos, galhões, pastores, ceifadores, gadanhos, etc., utilizavam os safões de peles de ovelha ou cabra, apertados sobre as calças.

Como agasalho e protecção da chuva, cobriam-se com o capote ou gabão de lã, sendo este de uso obrigatório em dias de relevo (casamento, luto, nas festas, etc.).

Nos domingos e dias festivos eram utilizadas como sinal de luxo, cintas de lã pretas, franjadas e enroladas em volta do corpo passando nos cós das calças.

O colete era mais ou menos abotoado, com duas idas de botões garridos, de vidro e apresentava bolsos para a corrente de prata do relógio e dinheiro. Em Idanha-a-Nova o forro ou costas era feito de retalhos de maranhas ou acréscimos de cobertores de lã de cor amarela, vermelha ou verde.

Como ornamentos, aponta-se o uso do lenço bordado a espiguinha, utilizado no bolso da jaqueta ou véstia, com a ponta de fora, apresentando uma inscrição a letras garridas (legenda ou pensamento amoroso) e dois corações entrelaçados. O uso do relógio servia de ornamento, exibindo-se a grande correia de prata que saía das casas do colete para os bolsos.

7.3- Trajo das crianças

As crianças ao nascer, eram ligadas no umbigo com tiras umbilicais, "embigaduras" ou "cingedouros" e logo embrulhadas nos cueiros e nas envoltas.

Os cueiros, eram de linho e de forma quadrada, as baetas ou envoltas de lã eram debruadas ou bordadas.

À medida que as crianças iam crescendo passavam a usar os bibes ou babadouros. Na cabeça usavam toucas e nos pés botinhas de malha de lã, apertadas por cordões também em lã.

Em idade de começar a andar, as crianças usavam calças que pendiam dos ombros através de alças. Estas calças eram abertas entre as pernas e não tinham quaisquer botões, para assim facilitarem a execução das necessidades. Eram denominadas, na linguagem popular, por "calças de cu aberto".

8- Grupo Folclórico Danças e Cantares da Beira Baixa

8.1- Origem do grupo

Apareceu primeiro a Associação Cultural e Recreativa "As Palmeiras". Nos primeiros anos esta empenhou-se num projecto de alfabetização para as pessoas que não sabiam ler nem escrever. Contava ainda com muitos outros cursos e diversas actividades desportivas.

No entanto, a frequentar esta associação, havia muita gente (associados) que gostava do folclore. Assim, juntaram esforços e com vontade e dedicação dos interessados resolveram organizar um grupo de folclore.

Contaram ainda com a divulgação da ideia através de uma estação de rádio local de forma a cativarem outros possíveis interessados.

Assim, surgiu o Grupo Folclórico Danças e Cantares da Beira Baixa, não só Grupo Folclórico de Castelo Branco mas sim da Beira Baixa. Tal facto deve-se ao repertório do grupo que abrange vários concelhos desta região.

Foi fundado em 1995, e actualmente é constituído por cerca de 50 elementos, sendo o seu crescimento real sustentado por pilares humanos, cuja maior aspiração é a divulgação e recolha do folclore beirão, preservando o que é regional e dando-lhe uma qualidade visível em todas as actuações.

Muitos dos temas foram recolhidos de outros ranchos. Alguns destes temas perder-se-iam devido ao desaparecimento dos ranchos. Assim, a recolha atempada destes temas por parte do grupo Danças e Cantares da Beira Baixa, permitiu a sua continuidade.

Em 1997, no dia 11 de Março (dia do aniversário da Associação das Palmeiras) o grupo fez a sua primeira aparição oficial, não parando deste esta data.

O folclore da Beira Baixa no que respeita às danças, é caracterizado por ser quase todo em danças de roda. Também existem outras formas de dançar na Beira Baixa, que este grupo folclórico foi buscar e que à muito estavam esquecidas. Nomeadamente "A

cigana", "As saias" (dançada no Fratel é proveniente do Alto Alentejo), "A virada da Foz" (Foz do Cobreão), "O que dizem elas" (Vila Velha de Ródão), "A senhora da Alagada" (Vila velha de Ródão), não são danças de roda e são muito atractivas, marcando assim a sua diferença.

O Folclore tem regras. O grupo preocupa-se em representar os costumes e danças antigas seguindo e aplicando essas mesmas regras. A parte etnográfica deve estar sempre patente sendo necessário demonstrar o mais fielmente possível como era a vida noutros tempos.

Um grupo folclórico não se pode preocupar apenas com cantar e dançar, é necessário representar hábitos, costumes, crenças, enfim toda a parte etnográfica que deve estar presente quando falamos de folclore.

A continuação do seu bom trabalho, tem vindo a ser motivada pelas opiniões sempre positivas de outros grupos.

Actualmente, o grupo é membro do Inatel e da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio.

8.2- Observâncias a ter em conta

Com vista a recrear o mais fielmente a vida noutros tempos e manter a tradição ao mais ínfimo pormenor, o Grupo Folclórico "Danças e Cantares da Beira Baixa" descreve aquilo que serão algumas "regras" que se devem ter sempre em conta.

Estas condições são fundamentais para os membros que se propõem representar fielmente certa região, com base nos usos e costumes dos seus antepassados. (Anexo I)

9- Modas e Cantares do grupo Danças e Cantares da Beira Baixa

9.1- Modas do grupo infantil.

O quadro 1. indica as modas pertencentes ao rancho infantil do Grupo Danças e Cantares da Beira Baixa.

Nº	Modas	LOCAL DE ORIGEM
1	AGORA É QUE VOU AO CENTRO	LOURIÇAL DO CAMPO
2	AURORA	*
3	ENLEIO	*
4	FRADE CAPUCHO	*
5	MATA ARANHA	ARANHAS
6	O REINADIO	CASTELO BRANCO
7	O TOCADOR DO HARMÓNIO	IDANHA-A-NOVA
8	PADEIRINHA	*
9	PICA O PÉ	COVILHÃ - PAÚL
10	ROLINHA	*
11	TIROLIRO	*

Quadro 1 - Modas e Cantares do rancho infantil

* - Local de origem incerto ou desconhecido

9.2- Modas e cantares do grupo sénior

O quadro 2 indica as modas e cantares do rancho sénior do Grupo Danças e Cantares da Beira Baixa

Nº	MODAS e CANTARES	LOCAL DE ORIGEM
1	A CIRENDA	*
2	A MARGAÇA	MONSANTO
3	A MOLEIRINHA	*
4	A PASTORA	*
5	A POMBA	COVILHÃ - PAÚL
6	AURORA	LOURIÇAL DO CAMPO
7	AZEITONA GALEGUINHA	*
8	CHORA Ó VIDEIRA	*
9	DANÇAR À CIGANA	*
10	DEBAIXO DA OLIVEIRA	PENAMACOR - ARANHAS
11	ERAS TÃO BONITA	IDANHA-A-NOVA
12	ERVA CIDREIRA	PENAMACOR - ARANHAS
13	ÉS O MEU AMOR	IDANHA-A-NOVA
14	FARRAPEIRA	PAÚL
15	LARANJA	CASTELO BRANCO
16	LIMÃO	*
17	MODA DAS SACHAS	IDANHA-A-NOVA
18	O MEU RAPAÇ	PROENÇA-A-VELHA
19	O QUE DIZEM ELAS	VILA VELHA DE RODÃO
20	O REINADIO	CASTELO BRANCO
21	O TOCADOR DO HARMÓNIO	IDANHA-A-NOVA
22	PICA O PÉ	COVILHÃ - PAÚL
23	POIS AGORA VIRAS TU	*
24	SAIAS DO FRATEL	FRATEL
25	SENHOR DA SERRA	*
26	SENHORA DE MÉRCELES	VILA VELHA DE RODÃO
27	SERRANA	*
28	SOU DA BEIRA	PENAMACOR - ARANHAS
29	VAI DE RODA EM RODA	IDANHA-A-NOVA
30	MIRADA DA FOZ	VILA VELHA DE RODÃO

Quadro 2 - Modas e cantares do rancho sénior.

* - Local de origem incerto ou desconhecido

10- Descrição de algumas danças

10.1- A pastora

Foi no ano de 1935 que, em Castelo Branco, foi dançada esta moda pelo há já muito extinto Rancho da Aldeia Nova do Cabo. Sendo o tema, a dança e a melodia desta região, encontra-se associada ao concelho do Fundão.

É uma dança de roda simples. É dançada em passo valseado com um pequeno apontamento mímico no refrão, remata-se depois com os pares agarrados, em que primeiro é dada uma volta pela direita (homens) e, depois pela esquerda.

10.2- Dançar à cigana

Esta dança surgiu de uma recolha realizada em Vila Velha de Ródão em Setembro de 2002.

Esta divide-se em três partes:

1- Quando se inicia a música, e ao toque de entrada, os pares viram-se um para o

outro e começam lentamente a valsear no mesmo lugar. Ao acabar têm que ficar virados, ou seja, as raparigas terminam como começam. Os rapazes ficam virados para o lado oposto, começam a bater o pé direito e voltam.

2- Os pares começam então a valsear formando uma roda e no refrão, voltam a bater o pé direito para o par contrário.

3- Ao valsear os pares viram-se costas com costas ficando rapariga com rapariga e rapaz com rapaz. No refrão irão formar um quadrado, em que as raparigas ficam para dentro e os rapazes para fora alternadamente.

(Ver outras descrições no anexo II)

11- Trajos do grupo Danças e Cantares da Beira Baixa

Inicialmente começaram com trajos feitos por encomenda a uma costureira. Posteriormente, a Associação Recreativa e Cultural "As Palmeiras" organizou um curso para manufactura de trajos regionais que teve a duração de um ano e contou com o apoio do centro de emprego.

No curso trabalharam 15 senhoras, recebendo salários e cumprindo horários como se de uma fábrica se tratasse. Elaboraram o mais fiel possível como os trajos de outrora, cerca de 110 trajos para o grupo.

Actualmente a Associação tem 2 costureiras que corrigem e ajustam alguns pormenores nos trajos de modo a manterem-nos fieis à tradição.

Um pormenor interessante é o trabalho que está a ser realizado pelas costureiras que estão a colocar um pequeno forro na parte interior da bainha das saias, de modo a tornar os trajos rigorosamente iguais aos usados pelas mulheres da Beira Baixa, no princípio do século XX.

Este forro ou "forreta" servia para proteger o rodapé da saia quando roçava no chão.

11.1- Trajo da virgem da Lousa

É um traje todo branco, onde se usam muitos adornos em ouro e na cabeça uma coroa de flores também de cor branca (na figura não está colocada).

À cintura tem uma fita larga (cerca de quatro dedos), azul com um laço nas costas que caía até perto dos pés.

O saiote e os sapatos são brancos.

Este traje teve origem numa promessa que pessoas abastadas fizeram, séculos, à Senhora dos Altos Céus da Lousa.

Uma senhora de uma família abastada prometera à virgem, que todos os anos vestiria as suas oito filhas desta forma em homenagem à Santa milagrosa.

Actualmente é utilizado na dança das donzelas ou dança das virgens.



Fig.11 -Trajo de virgem da Lousa

11.2-Trajo de Trabalho

É um traje muito modesto elaborado num tecido muito pobre como a flanela e a chita, assim como o próprio avental.

O uso do lenço à cabeça é indispensável no traje de trabalho.



Fig.12-Trajo de trabalho

11.3- Trajo Festivo de Malpica do Tejo

Eram feitos pelas raparigas que os usavam e respectivas mães.

A saia é vermelha, em feltro e com aplicações pretas também em feltro.

A camisa é branca usada com uma gola também branca feita em renda de duas agulhas.

Usavam um corpete em grega como era utilizado na altura, apresentando uns ilhós com pequenos cordões pretos a unir, portanto não utilizava botões.

Em frente à saia usavam um avental preto.



Fig. 13 -Trajo de Malpiqueira

Na cabeça utilizavam uma pequena fita preta.

11.4- Trajo do pescador

É um fato pobre, de trabalho de Vila Velha de Ródão. As calças são curtas para que pudesse entrar na água sem as molhar.

Não utiliza sapatos.

O barrete na cabeça servia para protecção do frio e era todo feito em lã.

Ao traço do pescador pertencem também as redes que este transporta e utilizava para pescar.



Fig.14 - Traço do pesca (Vila Velha de Ródão)

11.5- Trajo do Maioral

O Maioral era o responsável pelos trabalhadores das quintas e estava ao serviço de casa ricas.

Ao ombro transportava uma baração com um tubo de folha de zinco, no qual levava as folhas com o registo dos salários dos trabalhadores.

Utiliza uma jaqueta curta abotoada com vistosos

botões em fileira, camisa branca e a cinta á cintura com uma ponta descaída.

As calças são até aos joelhos (calções) e usa meias brancas em renda que são cobertas com umas polainas que protegem também os sapatos em pele.

(Ver outros trajos do grupo no anexo III)

12- Conclusão

Após a realização deste estudo, conclui-se que a região da Beira Baixa é muito rica em tradições populares, nomeadamente nas danças, nos trajos, na canção popular, nas lendas e nos instrumentos musicais. É também notória a influência de outras regiões

e até do país vizinho, no património cultural da Beira Baixa.

Tal justifica de certa forma, a atribuição simpática do nome "ratinhos" ao povo Beirão, pois é uma forma de ilustrar a características deste povo, de fazer pequenas recolhas, trazendo de outras regiões aquilo que são complementos para enriquecer o seu folclore.

Outro aspecto que se evidenciou no decorrer deste estudo, foi a riqueza cultural transmitida pelas letras das canções populares que, mais que qualquer outro referencial, transmitem realmente o viver do povo daquelas épocas e que ficam muitas vezes esquecidas quando abordamos o folclore.

Contudo, muitas letras que tiveram parte na elaboração deste trabalho, não foram aqui descritas pois a limitação imposta para esta síntese, não o permitiram. Nomeadamente as letras das modas do grupo Danças e Cantares da Beira Baixa.

Para finalizar fica a referência ao mérito do povo de outrora que, sendo um povo pobre, sem saber ler nem escrever, sem usufruir da electricidade e dos benefícios tecnológicos que esta implica, e com fracas condições de vida, conseguiu fazer chegar até aos dias de hoje as suas tradições, danças, cantares, costumes, crenças,... enfim, toda esta riqueza que é o folclore.

13- Bibliografia.

- ⌘ Dias, Jaime Lopes (1944), Etnografia da Beira- Lendas, costumes, crenças e superstições, Vol. I, 2ªEdição, Lisboa
- ⌘ Dias, Jaime Lopes (1964), Etnografia da Beira- O que a nossa gente canta, Vol. II, 2ªEdição, Lisboa
- ⌘ Dias, Jaime Lopes (1971), Etnografia da Beira- O que a nossa gente/Antologia do cancionero musical da beira baixa, Vol. IV, 2ªEdição, Lisboa
- ⌘ Dias, Jaime Lopes (1953), Etnografia da Beira- Habitação, Contos e Lendas, Costumes, Industrias, Tradições, Crenças e Superstições, Vária, Cancioneiro, Vol. V III, Lisboa
- ⌘ Dias, Jaime Lopes (1963), Etnografia da Beira- Contos, Lendas, Mitos e Narrativas, Costumes, O traço, Os penitentes, Tradições, Crenças e Superstições, Notas etnográficas e Históricas, Vol. IX, Lisboa
- ⌘ Dias, Jaime Lopes (1970), Etnografia da Beira- Alimentação, Contos e Narrativas, Costumes, Vida Agrícola, Crenças e Superstições, Cancioneiro, Notas Etnográficas e Históricas, Vol. X, Lisboa
- ⌘ Marcelo M. Lopes (1993), Beira Baixa- A memória e o olhar, Editorial presença, 1ªedição, Lisboa.
- ⌘ Ribas, Tomás (s/d), Etnologia- Parte 2